



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PAPÉIS DE GÊNERO EM RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: O FEMININO, O MASCULINO E A TRADIÇÃO.

Glacyanny Pires Alves Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco, glacyannylira@gmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta uma investigação de cunho bibliográfico acerca dos papéis de gênero nas religiões de matriz africana. São observados, principalmente, contextualizações sócio-históricas e a construção em si do que se denominou de tradição, ou seja, os costumes que embasam as práticas religiosas. Pontos-chaves deste artigo são a separação de gênero nos trabalhos religiosos das religiões afro-brasileiras, aqui representadas pelo Candomblé e pela Umbanda, e a possibilidade de um ou outro gênero alcançarem o mais alto patamar – o de Babalorixá ou Yalorixá. Por fim, este artigo debruça-se sobre a importância do gênero nas religiões de matriz africana e da composição interna dos cargos e cultos.

Palavras-chaves: Gênero, Papéis de gênero, religiões de matriz africana, tradição religiosa.

Introdução

Pensar a alteridade é, então, pensar o diferente, a relação, o conflito. Isto é mais difícil, evidentemente, do que pensar a diferença dos sexos apoiada em invariantes culturais, antropológicas ou psicanalíticas ou, ainda, graças a boas intenções sobre a complementaridade natural dos sexos, e a boa consciência sobre a perenidade do mal feminino. Geneviève Fraisse (CECCARELLI, 2010, p.01).

As questões de gênero foram, desde sempre, valorizadas – e até determinantes – para as sociedades, sobretudo quando se trata de uma cultura historicizada – historicamente construída e perpetuada. (FILHO, 2005). Essa cultura, separatista em gênero, constrói a identidade do sujeito; este sujeito é, portanto, fruto de uma identidade social e de gênero.

Bourdieu (2002) aponta para a diferenciação social de gênero, sendo este não apenas conceituado e formativo de uma constituição corpórea e genital, mas essencialmente de hierarquia social. Como afirma em:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As diferenças visíveis entre o corpo feminino e corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações de valores que estão de acordo com esta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento desta visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em *gêneros relacionais*, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (*nif*) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gênero construídos como duas essências sociais hierarquizadas (BOURDIEU, 2002, 43).

Dentro das religiões, tendo-as como parte constituinte de um todo socialmente composto, as questões de gênero não são diferenciadas do entorno social que as cercam, mas seguem uma via de regra histórica e socialmente construída. Como aponta Sodré (1999, p.14) em: “(. . .) nenhum valor é neutro, pois espelha as convicções e as crenças de um sistema particular”. Ou seja, toda essa representação de gênero, no âmbito religioso, é, também, sócio-histórica.

Palmer (2001) aponta para a presença da religiosidade na cultura, ou seja, enquadra a religião como fenômeno próprio das sociedades e das culturas, como afirma em:

A religiosidade é um fenômeno inerente a todo ser humano e está presente em todas as culturas, manifestando-se na vida do homem ao longo de sua história. O termo religião tem sido conceituado de forma diferenciada dependendo de condicionamentos históricos, culturais e filosóficos. Sendo assim, ele é motivo de interpretações, podendo de acordo Durkheim (2003) ser visto como um aspecto essencial e permanente da existência humana ou como uma ilusão coletiva, criada pelo homem no intuito de dominar o seu sentimento de impotência em relação ao mundo (FREUD apud PALMER, 2001, p.46).

Segundo Hörlle et al (2010) o fator gênero é visto de formas diversas nas diferentes religiões. Os autores destacam que nos praticantes da Umbanda, por exemplo, o papel dos gêneros é bastante equitativo, “homens e mulheres são vistos como iguais, nota-se a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

importância da mulher e uma maior igualdade em relação ao papel desempenhado pelo homem” (HORLLE, et al, 2010, p.1719).

Em contraponto, Bernardo (2005) aponta para uma distinção de gênero dentro das religiões de matriz africana, e contextualiza, ainda, esse parâmetro de diferenciação com a constituição social originadora das religiões, a saber as tradições africanas. O autor traz, ainda, a distinção entre o tradicional patriarcado ocidental e o poderio feminino exercido nas religiões de matriz africana, como afirma: “torna-se possível imaginar a abrangência do fascínio, a dimensão da surpresa e o próprio estranhamento, no dizer antropológico, do encontro de uma religião em que no lugar do masculino está o feminino” (BERNARDO, 2005, p. 01)

Em síntese, portanto, as questões de gênero perpassam, e além, atravessam, as formações e funcionamento das religiões, pois são as religiões, não mais que instituições pertencentes ao social e como tais, absorvem a interferência do sócio-histórico construído. Como afirma Bordieu (2002) as formações sociais são determinantes em instituições e há, dentro dessas gêneses socioculturais um ponto importante, que é a questão do gênero.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo principal discorrer sobre as relações de gênero, e além, sobre os papéis de gênero nas religiões de matriz africana. O intuito principal é o de entender as relações entre gênero e religião e observá-las, teoricamente, no campo das práticas religiosas abro-brasileiras, ressaltando a carga cultural formativa dessas relações e os valores dos gêneros/sexos nos rituais e crenças das religiões de matriz africana.

Metodologia

Partindo do pressuposto de que a metodologia de trabalho deve adequar-se aos objetivos propostos e às condições disponíveis à sua realização (LUNA, 2000), o método empregado neste artigo é o de levantamento bibliográfico.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Gerhardt e Silveira (2009) definem o levantamento bibliográfico como um apanhado geral de uma coletânea de livros, periódicos e artigos publicados, com o intuito de, teoricamente, aportar um tema específico. As autoras apontam, ainda, para a importância da pesquisa bibliográfica como método inicial em qualquer produção.

Segundo Galvão (2010), o levantamento bibliográfico possui inúmeras vantagens sobre os outros métodos, dentre elas estão a prospecção da informação e potencialidade de intelectualização e conhecimento coletivos.

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377)

Devido à restrição de publicações que tratassem do tema proposto e da escassez de teóricos que abordassem o objeto de estudo deste artigo, houve a necessidade de uma abertura temporal e de uma delimitação menos rígida do material base – devido a pouca produção científica na área. Para atender a tal demanda, delimitou-se ao intervalo dos anos de 1981 até 2013, as produções científicas utilizadas para estudo, análise e composição deste artigo.

Explica-se, então, a escolha do método, por suas vantagens e adequação aos objetivos propostos. Ressalta-se, ainda, a importância da revisão bibliográfica tanto para conhecimento quanto para possíveis reformulações e retificações ou ratificações dos temas estudados.

Resultados e discussão



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Diferente das religiões como o catolicismo e o protestantismo, as de matriz africana, aqui representadas pelo Candomblé e pela Umbanda, não restringem seu líder à figura do homem, e além, há uma predominância na figura da mulher como líder do centro religioso (terreiro, barracão, templo). A mulher, ocupa, pois, cargos de relevante importância e até o mais alto cargo dentro do patamar religioso, o que desconstrói um papel patriarcalista e machista e transpõe barreiras de gênero (BERNARDO, 2005).

Essa desconstrução do poderio masculino e empoderamento da figura feminina como ocupante dos mais altos cargos na hierarquia das religiões afro-brasileiras causa estranhamento nas sociedades ocidentais – incluindo e, aqui representada, pela brasileira –, mas trata-se de uma tradição original que é perpetuada nos ritos aqui implantados e serve como mantenedora retentiva dos cultos originários africanos. (BERNARDO, 2005)

Mas essa abertura ao sexo feminino na realização dos trabalhos e ocupação dos mais altos postos dentro da religião não é restritiva, além da figura feminina, homens também ocupam os cargos de Babalorixás (pais de santo) em patamar de igualdade com as Yalorixás (mães de santo) e dentro dos trabalhos religiosos apesar da diferenciação de funções e preferências há uma certa equidade. (HORLLE et al, 2010). Sobre essas diferenciações, Silveira (2013) aponta:

A divisão do trabalho nas atividades religiosas afro-brasileiras também é passível de análise histórica segundo as relações entre os sexos, e, além, pode referir-se às sexualidades. A diferenciação dos usos do lugar e do poder sagrado, a partir da divisão biológica de sexo, pode ser percebida pela preferência entre as mulheres sacerdotisas por menores espaços e número de adeptos e adeptas, em contrapartida aos sacerdotes homens, que preferem grandes espaços e número de “filhos e filhas de santo”. (SILVEIRA, 2013, p. 156).

Segabinazzi (2013) aponta todo um percurso histórico que não só explica a tradição, mas explana amplamente sobre a cultura africana, transposta para o Brasil na forma de rituais



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

das religiões de matriz africana. Nessa cultura, a mulher sempre foi uma excelente negociante e destacava-se em relação aos homens. Outro ponto importante é que, nos trabalhos religiosos do Candomblé e da Umbanda, a figura da mulher é sempre presente e valorizada. Verger (1981) chega a afirmar que sem mulher não há Candomblé, tamanha é a importância da figura feminina na constituição das religiões afro-brasileiras.

Embora haja essa importância feminina e isso seja fruto da tradição, não se pode negar que há uma representatividade masculina também, o que torna as religiões de matriz africana, apesar de taxativas quanto às funções que cada gênero exerce nos trabalhos religiosos, mais equitativas do que as demais religiões (SEGABINAZZI, 2013). A presença de Orixás (que são o cerne da religião) dos dois sexos, e além, em posições humanas de homossexualidade, por exemplo, deixa claro a importância do gênero e de suas questões na composição das tramas religiosas no contexto afro-brasileiro (SANTOS, 2008)

Na maioria das casas, templos, terreiros, tanto a hierarquia temporal quanto a separação quanto ao gênero é bem determinante. Os cargos são ocupados de acordo com essas suas características: um Ogã (tocador de instrumento musical nos rituais) é, geralmente, homem e uma Ekedí (camareira do Orixá) é, normalmente, mulher. Ou seja, observa-se essa rotina separatista de gêneros. O que a primórdio pode parecer preconceituoso, mas justifica-se sob a premissa de manutenção dos costumes e proteção à tradição (TORRES, 2012).

Além disso, deve-se se ater, que em uma nação específica, o Nagô, homem e mulher trabalham juntos e são imprescindíveis para que os trabalhos religiosos aconteçam; nessa nação, em especial, é necessário um Babalorixá e uma Yalorixá rejam a casa e não apenas um dos dois, como nas outras nações. É interessante perceber que os papéis de gênero no Nagô são bem traçados e rígidos, mas, ao mesmo tempo, há um equilíbrio, o que representa uma espécie de justiça para ambos os sexos (TORRES, 2012).

Outro ponto interessante a se notar é que os dialetos africanos (Iorubá, Savalu) referem-se muito a significados e significantes femininos, Iaô, por exemplo, significa noiva



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do Orixá, e é utilizado tanto para iniciados do sexo feminino quanto do masculino. (GORSKI, 2012)

Por fim, é nítido que o gênero interfere diretamente no fazer contemplativo das religiões de matriz africana, mas que essa distinção é, quase sempre resguardadora da cultura e costumes e termina, no geral, por manter o equilíbrio, não sendo desvantajoso para nenhum dos sexos.

Conclusão

Diante de todas as constatações acerca dos papéis dos sujeitos nas religiões de matriz africana, conclui-se que as formações ligadas às questões de gênero apresentam-se como um resguardo às tradições e à cultura característica e originária das ditas religiões.

Apesar de parecerem separatistas, as práticas ligadas a um ou outro gênero (masculino e feminino), apoiam-se em fundamentos próprios das religiões e há compensações bilaterais, ou seja, há funções exercida só por mulheres e funções exercidas só por homens, com raras exceções. Além disso, a grande abertura em relação ao gênero verificada nas religiões de matriz africana é a possibilidade de tanto homens quanto mulheres poderem exercer cargos sacerdotais, Babalorixás (pais de santo) ou Yalorixás (mães de santo), podendo trabalhar juntos – como na nação Nagô – quanto individualizadamente.

Por fim, há limitações metodológicas muitas, por se tratar este artigo de uma revisão bibliográfica e esses costumes divergirem, e muito, da teoria para a prática. Mas é de grande valia este tipo de exploração, para conhecimento e possíveis quebras de paradigmas preconceituosos, ou menos apenas para melhor entendimento.

Referências Bibliográficas

BERNARDO, T. **O candomblé e o poder feminino**. Revista de Estudos da Religião: São Paulo, 2005. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf > Acesso em 23 Abr 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CECCARELLI, P. R. In: *Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade* Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285, 2010.

FILHO, A. T. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Campinas, 2005. Disponível em: <

<http://www.observe.com/upload/766fb42eaf1cc0177d43dde66e95fdff.pdf> > Acesso em: 22 Abr 2015.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. In: Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. (Org.). Fundamentos de epidemiologia. 2ed. A. 398 ed. São Paulo: Manole, 2010, v. , p. -377. Disponível em:

<http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf> Acesso em: 20 Abr 2015.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GORSKI, G. **Ritual de iniciação do candomblé de Ketú: uma experiência antropológica**. Revista Todavia, Ano 3, nº 4, jul. 2012. Disponível em: <

<http://www.ufrgs.br/revistatodavia/Ed.%204%20-%20Artigo%204.pdf> > Acesso em: 23 Abr 2015.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

PALMER, M. **Freud e Jung**. São Paulo: Loyola, 2001.

SEGABINAZZI, C. P. **As religiões de matriz africana e o papel das mulheres: candomblé e cultura no século XX**. Santa Maria, 2013. Disponível em: <

<http://www.unifra.br/cursos/historia/tfg/TFGII%20CINARA.pdf>> Acesso em: 23 Abr 2015.

SANTOS, M. S. **Sexo, gênero e homossexualidade. O que diz o povo de santo paulista?**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST30/Milton_Silva_dos_Santos_30.pdf > Acesso em 23 Abr 2015.

SILVEIRA, S. A. **Resenha a violência de gênero nas religiões afro-brasileiras**.

Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 155-159. Disponível em: <

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/4484/3805> > Acesso em: 23 Abr 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SODRÉ, M. **Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil.** (2a ed.). Petrópolis: Vozes, 1999.

TORRES, D. A. **Mulher nagô: liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no terreiro de Santa Bárbara Virgem, em Laranjeira.** São Cristóvão, 2012. Disponível em: < http://bdtd.ufs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=901 > Acesso em : 23 Abr 2015.

VERGER, P. F. **Orixás - Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.** Editora: Circulo do Livro: São Paulo, 1981.